

SUBJETIVAÇÃO DO TEMPO E DO ESPAÇO EM *MACHAMBA*, DE GISELE MIRABAI

Lúcia Regina Lucas da Rosa¹
(UNILASALLE - Canoas)

O ROMANCE E A AUTORA

O livro *Machamba* foi publicado em 2017 pela Editora Nova Fronteira após sua autora, Gisele Mirabai, vencer o Prêmio Kindle de Literatura. Trata-se do primeiro romance da autora mineira, cuja trajetória literária iniciou com a publicação de livros juvenis: *Guerreiras de Gaia* (2006, Editora Zeus), *Nasci pra ser Madonna* (2011, Editora Cepe) e a novela *Onde Judas Perdeu as Botas* (2010, Editora Selo Edith).

Machamba conta a história da personagem homônima e seu percurso de vida na fase adulta com retornos à adolescência e à infância. Narrado em terceira pessoa, o texto divide-se em três partes: “O elo perdido”, “As antigas civilizações” e “Tempo grande”. Da fazenda em Minas Gerais até viagens à Grécia, à Turquia, à Israel e ao Egito, a personagem vai se revelando aos poucos, sem muita explicação ao leitor, que precisa montar o quebra-cabeça de informações e fatos, unindo suas peças conforme o narrador vai

1 **Lúcia Regina Lucas da Rosa** é doutora em Letras – Literatura Brasileira pela UFRGS; coordenadora do curso de Letras da Universidade La Salle; professora adjunta no curso de Letras graduação e no PPG em Memória Social e Bens Culturais. Organizadora dos livros trilingües *Contos Horripilantes* (2016), *Contos de Crianças* (2017), *Contos de Mulheres* (2018) e *Contos (quase) fantásticos* (2019) da Editora Unilasalle. Bolsista Capes como coordenadora institucional do Pibid Unilasalle. Coordena o grupo artístico-cultural Com Todas as Letras Unilasalle. Participa de grupos de pesquisa vinculados ao estudo da literatura e ensino. É autora da peça teatral *Mulheres de Machado* com registro na Biblioteca Nacional/RJ.
E-mail: lucia.rosa@unilasalle.edu.br.

os revelando. Nesse mosaico, desde o início, revelam-se as chaves de leitura em relação ao tempo e ao espaço, dividindo-os em um Antes e um Depois; porém o que está no meio disso tudo não é revelado. Percebe-se que há algo muito forte em relação à infância denominado “Elo perdido”, e essa expressão é revivida pela personagem toda vez que o narrador quer situá-la em algo que mudou sua vida. O Antes e o Depois está entre o que acontece no Elo perdido, mas só é revelado ao final do romance, no qual tudo se junta e o quebra-cabeças se completa. Na página da escritora (MIRABAI, 2010, *itálicos no original*), assim está escrito:

Machamba passou a infância numa fazenda em Minas Gerais, em meio a cavalos e pés de laranja, lendo as Enciclopédias das Antigas Civilizações com o pai. Agora é uma mulher em Londres e sente-se perdida. Nem ela mesma sabe o que aconteceu com a própria história. Até que começa uma viagem pelas antigas civilizações do planeta, Grécia, Turquia, Israel, Egito, e quanto mais caminha pelas ruínas do mundo, mais viaja em direção ao seu passado e ao Elo Perdido, o episódio fatídico que mudou para sempre o curso de sua vida.

Nas andanças de um lugar a outro, as lembranças vão ganhando força e a narrativa se estende na mistura de tempos e memórias para a compreensão de si. Para Mirabai (2018, s.p.), “a literatura tem uma grande missão de cuidar do passado e transformar o futuro”. E isso acontece pois somente após a compreensão do passado é que a personagem se entende, ela precisa voltar à terra natal e à fazenda onde viveu a infância para se refazer. Sendo também atriz e roteirista, há algo de cinematográfico em sua narrativa, em um movimento no romance em estudo que faz o leitor viajar tanto no tempo quanto nos espaços de um país a outro, tendo como cenário de referência a Fazenda em Fiandeiras, na qual viveu situações marcantes na infância. Neste texto será analisada a relação do tempo e do espaço com a trajetória de vida da personagem Machamba e sua significação na narrativa por meio da construção de memória.

O TEMPO DO “ANTES” E DO “DEPOIS” – UM ESPAÇO DE MEMÓRIA

A análise do tempo é algo bastante significativo na literatura e tem possibilidades variadas de traçar itinerários para as personagens. No caso de *Machamba*, é o tempo que dá o fio condutor para a compreensão da narrativa e para a criação literária. Compartilhamos da visão de Paul Ricoeur (2007, p. 107) ao considerarmos o tempo como um olhar interior traduzido pela memória: “Enquanto minha, a memória é um modelo de minhadade, de possessão privada, para todas as experiências vivenciadas pelo sujeito. Em seguida, o vínculo original da consciência com o passado parece residir na memória”. Nessa relação de passado com o presente, Machamba vai em busca dos fatos ocorridos para compreender o que lhe aconteceu em tempos atrás e para repensar seus projetos de vida. O romance inicia com uma frase que nos dá essa dimensão da importância do tempo renascido pela memória: “A mangueira está lá até hoje” (MIRABAI, 2017, p. 8). Isso evoca uma lembrança do ponto de vista do presente referindo-se ao passado, traz à tona um local marcante em sua vida e dá a dimensão de o quanto o narrador perpassa toda a vida da personagem, demonstrando conhecer os fatos significativos. Desse fato vêm outros na sequência de situações não reveladas na ordem em que aconteceram, mas mostrando ao leitor, principalmente, os seus efeitos. O narrador passa a se referir de forma alegórica à passagem do tempo e, além da mangueira, há uma fita vermelha amarrada nela:

O Dia do Antes aconteceu um infinito antes do Dia do Depois. [...] Os freis que se mudaram para a fazenda depois não tiraram a fita. Ela ficou pelos anos. Vermelha. Marcando o meridiano que separa o Dia do Antes do Dia do Depois. A linha de Greenwich que divide o tempo em dois:

O Tempo Grande e o Tempo Pequeno. (MIRABAI, 2017, p. 8-9)

E assim a personagem percorre locais diferentes em sua “minhadade”, na sua busca, ao mesmo tempo em que sai da sua fuga do passado. A memória não a deixa viver em paz consigo mesma e

a saída da fazenda para a cidade faz com que se transforme em uma mulher descompromissada com trabalho e vida amorosa. Na sua “possessão privada”, ensimesmada e repleta de rancores, vive momentos de devassidão e descontrole com bebidas, entorpecida para não dar vazão à memória e por não saber exatamente como os fatos do tal Tempo Grande se sucederam. Passa a viver no que chama de Tempo Pequeno, ligada ao passado pela memória e tentando a cada dia fugir de tudo o que a faz sofrer. Vive no triste passado das impressões, com a memória garantindo-lhe a continuidade temporal (RICOUER, 2007) e criando armadilhas para si mesma, perdida em um tempo estagnado por não enfrentar os problemas do passado.

Além do aspecto temporal, há uma forte relação no romance com o espaço. Na sequência, tomaremos esse enfoque para análise de *Machamba*, a partir do texto de Aleida Assmann (2011) acerca dos espaços de memória e suas complexidades. A autora, ao relacionar lembrança e identidade, afirma que “as recordações estão entre as coisas menos confiáveis que um ser humano possui. As respectivas emoções e os motivos de agora são guardiões do recordar e do esquecer” (ASSMANN, 2011, p. 72). É por esse caminho que a narrativa em análise se desenvolve, uma vez que a personagem Machamba está em um tempo distante de sua infância e pré-adolescência, quando vivia na Fazenda, e sua trajetória se transformou em um vai e vem sem morada fixa. As recordações acompanham-na sem cessar, há mistura de épocas e lugares em seus pensamentos e com quem ela se relaciona nos lugares por onde passa. Devido a essa confusão, não fica muito tempo em uma cidade e até mesmo nos países pelos quais andarilha sem destino determinado. Não é o espaço físico que a impulsiona, e sim as recordações de emoções a serem resolvidas em sua mente e sentimentos a serem organizados para poderem ser compreendidos. As emoções do passado se misturam com as do presente e, por isso, a narrativa não é linear, ocasionando recuos e interrupções por parte do narrador, inclusive, chegando a descrever uma aparente linearidade ao contar os fatos.

Em uma visão antropológica, Ernest Cassirer (2012) analisa o espaço e o tempo e sua relação com o modo de vida humana, sobre o que é considerado importante e funcional e quais consequências advêm da forma como o homem usufrui do espaço e do tempo. Além das questões de sobrevivência no ambiente em que vive, em uma manifestação orgânica, há um espaço chamado de perceptual: “este espaço não é um simples dado dos sentidos; é de natureza muito complexa, e contém elementos de todos os diferentes tipos de experiência dos sentidos – óptica, tátil, acústica e cinestésica” (CASSIRER, 2012, p. 75). A questão mais relevante, nesse tipo de espaço, é compreender como esses elementos cooperam na construção do ambiente e qual a sua maneira de influenciar as relações humanas. O espaço abstrato ou simbólico é o aspecto mais importante a ser analisado quando se trata da compreensão das circunstâncias que envolvem o momento vivido. As relações espaciais integram-se às do tempo como algo mais interno que externo e produtor de efeitos no indivíduo a partir de suas lembranças que ocorrem em fluxo contínuo. E ambas relações – espaço e tempo – estão em sintonia com a memória como remanescentes das ações passadas em consonância com o presente em “um processo de reconhecimento e identificação, um processo ideacional de tipo muito complexo. As impressões anteriores não devem ser apenas repetidas: devem também ser ordenadas e localizadas, e referidas a diferentes pontos do tempo” (CASSIRER, 2012, p. 87). A memória, dessa forma, não é uma simples reprodução de eventos passados, não é apenas repetição de situações ou impressões anteriores, mas uma espécie de re-avivamento, de ressignificação e complementação de significados, como atesta Cassirer (2012, p. 88):

No homem não podemos descrever a lembrança como um simples retorno de um evento, como uma vaga imagem ou cópia de impressões anteriores. Não é simplesmente uma repetição, mas antes um renascimento do passado; implica um processo criativo e construtivo. Não basta recolher dados isolados da nossa experiência passada; devemos realmente *re-collê-las*, organizá-las e sintetizá-las e reuni-las em um foco de pensamento.

É nesse jogo de recolha das lembranças que o narrador de *Machamba* envolve o leitor, trazendo, aos poucos, fatos que vão-se ligando e interpondo-se ao tempo cronológico, pois seus significados participam de uma teia de acontecimentos que só obtêm sentido na medida em que é possível apropriarmo-nos do todo. Não é em vão que apenas no final conseguimos compreender o que é o “Elo Perdido” e o “Tempo do Antes” e o “Tempo do Depois” e discernir suas tramas e desempenhos. O romance inicia com uma afirmação que remete a um tempo e espaço indefinidos:

A mangueira está lá até hoje. Nela pendurada uma fita vermelha. Tudo começou sem muita explicação. Não houve um momento específico para o Elo Perdido acontecer. Houve bem antes disso um negro correndo atrás de uma gazela em Angola, enquanto um branco se escondia atrás de uma pistola de cano fininho. (MI-RABAI, 2017, p. 8)

É pela indefinição das personagens e das situações que o romance se desenvolve e vai envolvendo o leitor na trama para desafiá-lo a compreender aos poucos. As ações não estão em sequência direta, apenas são informações que o leitor precisa guardar e aguardar o momento oportuno do desenrolar dos fatos para a compreensão. Enquanto isso, as emoções são a tônica dos direcionamentos, tudo o que é narrado passa por um filete de sensações mesclado com uma dor e uma má interpretação dos fatos. Os verbos são utilizados de forma a garantir a crença no que é relatado, ou seja, *estar* e *haver* complementam-se dando credibilidade à narrativa; o leitor passa a acreditar na ação que impulsiona tudo o que será contado pelo narrador. Nesse início, há também a menção sutil relacionando a escravidão e a forma como os escravos vieram da África para o Brasil como uma denúncia e um alerta ao leitor de que a história que será contada, está impregnada de injustiça. É de uma relação de preconceito que surge toda a situação a ser mencionada no decorrer do romance. Trata-se de uma questão cultural vivenciada pelas personagens, tipicamente, da cultura brasileira, considerando-se a origem e a formação do país a partir da escravidão e

toda herança preconceituosa em relação aos afro-brasileiros. Essa identidade cultural influencia as relações sociais e também a formação na educação das crianças, como bem observa o narrador do romance em análise na típica distinção entre a filha do fazendeiro e o descendente negro, cujo namoro é proibido. Conforme o escritor moçambicano Lourenço do Rosário (2007, p. 10):

O reconhecimento e a aceitação da diferença, longe de constituírem uma fonte de desagregação, representam o primeiro passo para a inclusão, única solução para que os direitos fundamentais do Homem não sejam manuseados apenas em conformidade com os interesses daqueles que não estão excluídos. [...] A experiência de sã convivência multicultural cria um sentimento de nacionalidade e de integração num espaço cultural mais amplo que os contornos do grupo étnico ou tribal, consistindo num fator de força, face aos desafios do processo global.

Assim, Gisele Mirabai expõe um aspecto bastante discutido e de difícil consenso sobre a formação e a cultura brasileira pela questão da descendência e a desarmoniosa convivência entre as pessoas diferentes. E um meio bastante oportuno para fomentar esse tema é pelo viés da literatura. Trazer à tona vivências de personagens, mesmo que fictícias, faz com que os leitores repensem seus próprios conceitos e as formas de manifestação cultural da sociedade:

o fenômeno literário, em qualquer grupo social, representa a essência do próprio grupo. [...] O universo literário é, em suma, a própria sociedade frente a um grande espelho, mirando-se, vendo cada um a imagem de si e de todos, conforme o seu próprio ponto de vista singular e o ponto de vista do colectivo. (ROSÁRIO, 2007, p. 143-144)

Todo o problema ocasionado pelo encontro entre Machamba e Daniel advém do fato de o pai dela, na condição de dono da fazenda, não permitir aproximação entre a filha e ele devido à sua origem de descendência escrava, o que era explicitamente manifestado pelo narrador:

O que Daniel podia:

- subir na camionete, andar a cavalo, correr no gramado.

O que Daniel não podia:

- nadar na piscina, entrar na casa sem pedir licença, almoçar na mesa com eles.
E não podia nunca nessa vida tirar a roupa debaixo da mangueira junto com a sua filha.
(MIRABAI, 2017, p. 159-160)

Porém, o narrador somente revela essas condições quase ao final da narrativa, deixando o leitor na expectativa de o porquê o pai ficara tão bravo com a filha e o filho de seu funcionário. Essas afirmações remetem ao início da narrativa, na citação já mencionada da página 8 a respeito da apreensão de escravos em Angola e em seguida, ao mencionar a cena proibida: “Ele dormiu um sono sem sonhos, debaixo da mangueira, dentro da sua pele proibida de se misturar com a dela, desde quando os avós de seus avós foram trazidos da África para um grotão de terra em Minas Gerais” (MIRABAI, 2017, p. 10). Encerrando a narrativa, tudo se relaciona e faz sentido, a cena final, protagonizada por um encontro amoroso entre Machamba e Daniel e a consequente punição do pai é justificada pelas regras dadas a conhecer ao leitor com o avançar da escrita. O romance une as pontas entre o início e o fim, justificando ambas as partes e trazendo mais compreensão à trama. Percebe-se que o que está em jogo é o preconceito racial, a convivência entre patrões e empregados e as regras na Fazenda. Apenas Machamba quebra essas regras familiares e, por isso, recebe a punição que se desdobra em autopunição na vida errante e triste, em busca de si mesma visitando vários países.

Ainda sobre o início da narrativa, as recordações ocorrem de forma descontínua, como um quebra-cabeças, citando cenas e fatos para que o leitor, aos poucos, vá organizando as relações entre si. Todo o desfecho narrativo gira em torno de Machamba e de sua infância com Daniel, porém pouco se sabe dele, como na seguinte descrição: “No dia do Antes havia uma fita vermelha, uma menina sem roupa e os olhos de um pai. Havia o Amor e havia Daniel. Mas, primeiro, vamos falar de Luís” (MIRABAI, 2017, p. 10). Com palavras-chave, o narrador dá pistas dos acontecimentos, demarcando os espaços onde os fatos se desenrolam, trazendo o leitor para perto

das angústias da personagem e completando o jogo, pois, sem saber de tudo, o leitor vivencia mais a angústia de Machamba, podendo estabelecer hipóteses sobre o passado que ainda não é revelado.

As recordações misturam tempo e espaço, a sensação de culpa pela morte do pai deixa-a transtornada e a faz esquecer dos detalhes, forçando um constante recomeço: “Não se lembra para onde foram os primos e as primas do Rio de Janeiro. O Elo Perdido. Ela sabe apenas que o ar entra e sai da sua barriga” (MIRABAI, 2017, p. 14-15). Até mesmo sua identidade passou a perder sentido, uma vez que não conseguia compreender o que sentia e não sabia de alguns fatos ocorridos por sua causa ou por causa da rigidez de seu pai. Para tentar explicar melhor a si e a sua vida, passa a observar-se nas ações, comparando-as com seu passado, como um sujeito Moderno, no dizer de Assmann (2018, p. 106): “o sujeito da Era Moderna é centralmente um observador. O homem que vira observador tem como objetos seu ambiente e a si mesmo. Observar implica distância, descorporificação”. E quanto mais se observava, mais Machamba se perdia e tentava lembrar dos fatos sem coragem de se encontrar com a família e com os amigos da infância. Fazia novas amizades, mas não as cultuava, bem como ignorava a continuidade de relacionamentos amorosos, tornando-os fortuitos e descompromissados. No entanto, os esquecimentos acenavam-lhe na mente com fatos isolados, afinal, “o objeto da recordação está marcado pelo esquecimento, e o esquecimento torna-se um aspecto indelével do recordar; a recordação traz em si vestígios do esquecimento” (ASSMANN, 2018, p. 107). Nesses vestígios, ela tenta recordar imagens apagadas pelo tempo, a memória brigando com o tempo, marcando espaços e revivendo ações isoladas de contexto, soltas na emoção de tristezas e de lembranças identitárias. Tentando ligar o momento vivido com o passado, ela compara pessoas e situações com fragmentos de recordações interrompidos por outras recordações sem continuidade de fatos.

Na mistura do tempo, a memória busca fatos desordenados, significações importantes para os rumos de sua vida: “No Tempo

Grande as coisas não têm começo, nem meio, nem fim. Não têm um, dois ou três, porque no Tempo Grande não existem os números” (MIRABAI, 2017, p. 18). A inexatidão pela falta de números sobrepõe-se às recordações e, por isso, a desordem dos fatos lembrados impede que Machamba reconstrua tudo o que aconteceu quando o pai faleceu e ela abandonou a família e, principalmente, perdeu o contato com Daniel, o amor de sua infância e adolescência. A identidade fragmentária criada pela personagem revela seus conflitos emocionais e inseguranças, negando-se a fixar-se em uma cidade e em um país específico. Após a saída de Minas Gerais, não consegue ficar muito tempo em outro lugar, viajando e recomeçando a vida várias vezes, mudando de atividade para se sustentar e não se preocupando com seus bens materiais, até mesmo as roupas se tornam descartáveis. Recompôr os sentimentos passa a ser sua tarefa diária, revisitando o passado nas recordações que vão surgindo de forma desordenada e, por vezes, com força autodestruidora. Não podendo retornar ao passado, ela tenta reunir os fatos e busca respostas para situações nas quais ela não participou diretamente, só sabe que algo mais aconteceu na sua ausência, principalmente com Daniel. Ao mesmo tempo que quer saber o que aconteceu com ele, falta-lhe coragem para voltar à cidade natal e procurar as pessoas, prefere isolar-se sem sequer deixar número de telefone para contatos. Permanece com os sentidos estabelecidos pela memória ao refletir sobre suas lembranças de vida e sua construção do presente na medida em que reconstrói o passado e muitas situações misturam-se. Ela tenta, cada vez mais, ordenar o passado: “Ela vive sem rastro. Apartada do tempo e do espaço. [...] Aperta uma mão na outra. Esconde um pé no outro. Uma memória quer se misturar com a outra, mas ela não deixa” (MIRABAI, 2017, p. 29-30). E assim vive afastada de todos, vivendo de momentos, autoafirmando-se no isolamento de outras pessoas. Assim como não quer voltar ao passado, tampouco quer formar um novo grupo de convivência, não se sente capaz de recomeçar relacionamentos porque não terminou o relacionamento do passado, mal resolvida, frustra-se com as possibilidades e fecha-se

em si mesma. Suas memórias fragmentadas e doídas aprisionam-nos nos sentimentos estagnados e mal compreendidos, por isso, joga-se em experiências vazias de significado enquanto, contraditoriamente, repensa suas atitudes. Só tem uma certeza: não quer magoar as pessoas nem ser causadora da dor alheia, basta a própria dor para ser carregada para onde quer que vá.

Dois objetos acompanham Machamba em sua trajetória de busca de entendimento do passado: a fita vermelha e o short do avesso. Segundo Assmann (2018, p. 166), a recordação nem sempre é uma constante: “A recordação não pressupõe nem presença permanente nem ausência permanente, mas uma alternância de presenças e ausências”. Assim, a fita vermelha e o short do avesso vão e vêm nas memórias de Machamba, até mesmo sendo revividas em um episódio em que ela trabalhava como garçonete em Londres e um homem italiano desrespeitou-a e ela, sem ação, apenas pensou em dizer-lhe algo, porém ficou quieta, pensando que seriam “apenas palavras vis para um homem vil, num mundo onde o mínimo que se pede é o respeito pelo espaço do próprio corpo” (MIRABAI, 2017, p. 91). Lembranças se misturaram nesse momento, pois ela percebeu que estava com a roupa do avesso, tal como aconteceu com seu short no dia em que estava com Daniel e foi retirada pelo pai de forma severa:

Quando viu que o selinho apontava para fora, afogou-se em si mesma. De vergonha e de pavor. De tristeza por causa das memórias. A mangueira está lá até hoje. Nem a esperaram virar o short. A saia de garçonete também do avesso, ela teve que segurar as próprias pernas para continuar trabalhando. Numa tarde interminável do Tempo Pequeno. Num mundo com ambulâncias que não chegam, amores que partem e shorts virados ao contrário sem tempo de serem arrumados. Um mundo que nos diz quem é como deve ser amado. Ela esfregou as mãos na saia preta de memórias, num mundo sem respeito pelos corações, e por isso, mesmo eles tombam de peito. (MIRABAI, 2017, p. 92-93)

O uso da roupa pelo avesso marcou-a profundamente, virou símbolo do desrespeito, ora manifestada pelo pai, ora por um cliente que a julgou mal por ser brasileira. Em ambos os casos, Machamba

apenas cumpriu o que lhe foi dito, uma recordação voltou a fazer eco no seu aparente esquecimento. As viagens percorrendo vários países não a fizeram esquecer das cenas do passado, de vez em quando, as situações se repetem e a memória reativa os sentimentos.

Dentre essas recordações, estão os momentos em que o pai lia curiosidades nas enciclopédias e apresentava para Machamba um mundo encantador em outros países. Mais tarde, na ausência do pai, ela faz o caminho mostrado nas enciclopédias, em busca do que o pai havia lhe mostrado, em busca de reviver emoções, como uma forma de estar junto com o pai. Como isso não era possível, um dia retornou realmente à sua cidade e se encontrou com Joana, a mãe e Daniel. Recuperada do trauma, adquire coragem para voltar e reviver os espaços em que esteve na infância e na adolescência, para encontrar as pessoas com quem conviveu e para encontrar a si mesma. Assim, o Tempo do Antes e do Depois finalmente se uniram, e ela pôde compreender as dificuldades, perdoar os erros e se reencontrar com o passado. Para isso, o espaço da Fazenda foi crucial para o reconhecimento dos fatos e compreensão de tudo o que lhe aconteceu.

OUTRAS CONSIDERAÇÕES

O romance *Machamba* tece considerações em torno da vida de uma mulher que, ao nascer, recebe o nome em homenagem aos antepassados africanos do namorado. No romance não é revelado o nome de batismo da personagem. Isso se deve à dificuldade de ela se encontrar consigo mesma a partir do confronto com o passado e o desentendimento com a família. Se considerarmos a importância do nome como “uma marca de individualização, de identificação do indivíduo que é nomeado, ele marca também sua pertinência a uma classe predeterminada [...], sua inclusão em um grupo” (MACHADO, 2003, p. 26). Por isso, *Machamba* não teve seu nome revelado no romance, fora aquele que Daniel, o namorado, lhe deu. Essa foi a única maneira de fazê-la pertencer a sua família, como homenagem à origem de escravos africanos: “ela também queria um nome assim, de guerra, e ele a chamou de *Machamba*, que era

como os seus sábios antepassados nomearam aquela terra, na antiga língua banto. Sagrada para plantar, boa de dar frutos, de criar os animais, terra que nasce e morre, mas depois renasce. Ela gostou do nome” (MIRABAI, 2017, p. 71). Considerando-se essa situação de a personagem protagonista do romance não ter o nome revelado, há indicativo para se relacionar a sua vida como uma trajetória de acontecimentos em que ela não age por vontade e sim, deixa-se levar pelos acontecimentos, como uma busca de entender-se, a não revelação do nome prediz sua situação carente de identidade.

Assim como a não identificação com o nome, mantendo-se durante toda a narrativa com aquele adquirido por enaltecimento às origens familiares do namorado, o espaço também é um elemento de identificação no romance. Machamba sai de sua cidade e passa a viver um pouco em cada país porque não conseguiu mais se adaptar ao lugar diante das situações desagradáveis ocorridas, culminando com a morte de seu pai. Para ela, ocorre o que preconiza Maurice Halbwachs (2017, p. 160), ao afirmar que “cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos no que nela havia de mais estável”. Como Machamba não se identificou mais com o grupo familiar e moradores da Fazenda, sentiu-se obrigada a sair do lugar de origem e procurar outros espaços. Porém, ao se afastar, somente conseguiu se entender ao retornar à Fazenda, no contato com o grupo familiar, onde morou na infância. Ao fortalecer a memória coletiva, conheceu melhor a realidade dos fatos tal como ocorreram e pôde compreender situações que antes não lhe pareciam razoáveis. Da mesma forma, não lhe foi suficiente telefonar ou fazer outro tipo de contato a distância, foi necessário voltar à casa da infância e refazer o caminho, oportunizando o encontro com o seu grupo de memória e o seu espaço de recordação. Nessa integração com as pessoas da convivência no passado, foi possível retomar os rumos de sua vida e não mais andar de lugar em lugar, sem identificar-se com eles. Estar próximo no mesmo espaço

estabelece a reunião de pessoas com afinidades, unidas por laços familiares ou pela convivência durante algum tempo a ponto de tornar possível o enfrentamento de obstáculos que possam surgir. Por isso, Machamba sentiu necessidade de retornar ao seu espaço, congregando o tempo e os acontecimentos para a compreensão do grupo. Assim, a fazenda da infância fica eternamente relacionada à vida, como sua essência e condição de existência: “Tudo que respira conta a mesma história” (MIRABAI, 2017, p. 20).

Ocorrem várias dualidades na narrativa: tempo e espaço; infância e vida adulta; Machamba e Daniel; os pais; a mãe e Joana; a terra da infância e os vários países da vida adulta; e todas revelam a dualidade vivenciada pela personagem ao que chamou de Elo Perdido, ponto culminante na narrativa e que determina os outros fatos. Nos espaços de memória percorridos pelo tempo, a subjetivação existencial da personagem passa pela palavra “depois” na medida em que marca um tempo fora dela mesma, um tempo que procura se efetivar no seu espaço de vida e que não consegue harmonizar-se perante a falta de entendimento sobre o passado: “Depois o silêncio que resta, o peito que desce e sobe com a respiração e o pavor porque a palavra *depois* foi inventada pelo tempo” (MIRABAI, 2017, p. 10, grifo da autora). E assim o romance se integra entre tempo e espaço na busca de identificação e de compreensão do tempo vivido. O passado vem à tona nas ações como forma de atualização do presente, há espaços de recordação constantes e em fragmentos em busca de organizar o quebra-cabeça de situações que o narrador vai montando aos poucos para estabelecer a trama. Para a personagem protagonista, resta passar as cenas e, aos poucos, fazer as ligações e estabelecer os elos entre as demais personagens; vivenciados em sua memória. Entre o Tempo Pequeno e o Tempo Grande, entre as Antigas Civilizações e entre o Brasil e a África, as ligações de vivências e de memórias constituem a linha da narrativa com recuos e avanços no tempo. Prevalece nisso tudo o amor que persiste aos obstáculos, à separação, à morte do pai e às andanças de Machamba, que retorna para retomar sentimentos deixados fora de sua vida devido à incompreensão.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: forma e transformações da memória cultural*. Tradução de Paulo Soethe. 2 reimpressão. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2018.

CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o Homem* – introdução a uma filosofia da cultura humana. Tradução de Tomás Rosa Bueno. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 9 Reimpressão. São Paulo: Centauro, 2017.

G1. Gisele Mirabai vence o 1º Prêmio Kindle de Literatura com o livro 'Machamba' 18 jan. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/gisele-mirabai-vence-o-1-premio-kindle-de-literatura-com-o-livro-machamba.ghtml>. Acesso em 08 jul. 2018.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome* – leitura de Guimarães Rosa à luz do nome e de seus personagens. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MIRABAI, Gisele. *Machamba*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

MIRABAI, Gisele. *Machamba*. Disponível em: <https://giselemirabai.com/2017/07/10/machamba/> Acesso em 08 jul. 2018.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

ROSÁRIO, Lourenço do. *Singularidades II*. Maputo, Moçambique: Editora Texto Editores, 2007.

